Eixo Capital



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Pelo telefone

Em sua mobilização para impedir uma nova mudança no Fundo Constitucional do Distrito Federal (FCDF) proposta pelo senador petista da Bahia Jaques Wagner, a governadora Celina Leão (PP) procurou a senadora Leany Lemos, do PSB candango. A governadora, pelo telefone, encontrou a senadora no outro lado do mundo em Antália, na Turquia, onde participa da COP 31 na comitiva oficial do presidente Lula.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press





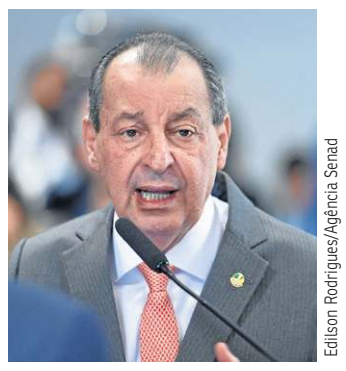
Reprodução/Instagram

Soldada do DF

Imediatamente a senadora Leany Lemos se colocou à disposição da governadora para participar do mutirão político dos senadores brasilienses em defesa do Fundo Constitucional do DF, que envolveu ainda os colegas do Senado, Izalci Lucas (PL) e Damares Alves (Republicanos). "Sou uma soldada do DF e sempre o defenderei", disse a parlamentar do PSB a Celina.

De volta ao futuro

Para garantir a manutenção do Fundo Constitucional intocável, a governadora Celina Leão teve que recuar no tempo e pedir ajuda a um antigo aliado em defesa do FCDF: o senador amazonense Omar Aziz (PSD) recém-eleito governador do estado. É que o parlamentar do Amazonas foi o relator no Senado da PEC do governo Lula que, no ano passado, também tentou mudar o Fundo Constitucional do DF retirando recursos. Na ocasião, ele preservou o fundo brasiliense e agora ajudou a governadora Celina fazendo uma ponte com o seu colega de Senado pelo Amazonas, Eduardo Braga (MDB). Deu certo!



Edilson Rodrigues/Agência Senad



Roque de Sá/Agência Senado

Elogio sem-fim

Depois de conversar com a governadora Celina Leão, ouvir suas ponderações e sofrer pressão dos três senadores brasilienses, o relator Eduardo Braga retirou o FCDF das restrições orçamentárias com a mudança de correção dos fundos. No longo discurso em que apresentou o seu relatório, Braga fez rasgados elogios à governadora e à sua gestão e registrou que excluiu o FCDF por causa dela. Deu nome, CPF e endereço da "mãe da criança".

Divulgação/Anna Reis/PT-DF

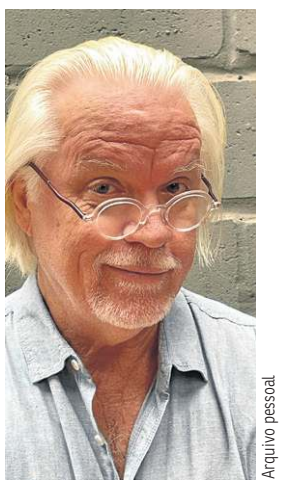
PT-DF recebe novos filiados

Após a vitória de Lula e de voltar a disputar o segundo turno ao GDF — o que não acontecia desde 2010 — o PT celebrou ontem no Birosca, no Conic, a chegada dos novos filiados e filiadas ao partido. Além dos quadros políticos do PT, 10 novos filiados fizeram uso da fala no evento que contou com um espaço para mais filiações. "A vitória de Lula foi uma conquista construída nas ruas, com a força da nossa militância e a capacidade de mobilização do povo. A chegada de mais de 900 novos filiados no PT-DF demonstra que nosso partido segue vivo e em constante renovação", disse o presidente do PT-DF, Guilherme Sigmaringa.



Travessia do Eixão

Na ação civil pública e na sentença sobre a redução da velocidade no Eixão, há citação de uma poesia de Nicolas Behr (**foto**), que virou música gravada pelo Liga Tripa e pela Legião Urbana, de 1987, que já se referiu aos perigos da via. A música é *Travessia do Eixão* e diz assim: "Nossa Senhora do Cerrado, protetora dos pedestres, que atravessam o Eixão às seis horas da tarde, fazei com que eu chegue são e salvo na casa da Noélia". O autor, que residia na 415 Sul, atravessava a via para visitar a sua então namorada, Noélia, que morava na 109 Sul. "Tal estado de coisas nada tem de recente; ao revés, é mazela antiga, ab urbe condita. Como bem lembra a inicial, a periculosidade da via já era poeticamente narrada nos anos 80 do século passado, na poesia de Nicolas Behr, musicada pelo célebre grupo brasiliense ´Liga Tripa´", registrou o juiz Carlos Maroja, da Vara de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e fundiário do DF.



Arquivo pessoal



Arquivo Pessoal

Vítimas na pista e nas passarelas

Entre as estatísticas citadas na sentença, o juiz Carlos Maroja (**foto**), da Vara de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e fundiário do DF, citou que entre 2000 e 2006, houve 806 sinistros com vítimas, 86 das quais perderam a vida. Dentre as vítimas, 66 eram pedestres. E para fugir do perigo da alta velocidade, há o risco de atravessar a via. Entre 2022-2025, houve o registro de 223 ocorrências criminais diversas nas passarelas subterrâneas, inclusive fatos gravíssimos como roubos, homicídio e estupro.

5 minutos que podem salvar vidas

A sentença cita o posicionamento do professor Paulo Cesar Marques da Silva, da UnB, especialista em engenharia de tráfego. Ele demonstrou que a redução na velocidade da via dos atuais 80km/h para 60km/h ocasionaria redução da periculosidade, tanto por propiciar aos motoristas maior controle dos veículos, como pelo menor potencial de danos às vítimas quando atingidas por um veículo em menor velocidade. E essa redução resultaria num acréscimo de cerca de apenas cinco minutos para se percorrer todo o trajeto do Eixão, de uma ponta a outra. Segundo Carlos Maroja, um sacrifício razoável em troca da redução da letalidade da via.

Delegação da Suprema Corte da Índia visita CNJ

O conselheiro Rodrigo Badaró (**D**), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), recebeu, ontem, em Brasília, uma delegação da Suprema Corte da Índia, chefiada pelo chefe de Justiça Surya Kant. Na reunião, Badaró — presidente do Comitê Nacional de Inteligência Artificial do Judiciário (CNIAJ) do CNJ — defendeu que o uso da inteligência artificial (IA) no Judiciário avance junto com a soberania e a segurança cibernética. Entre as necessidades apontadas por Badaró, estão uma nuvem nacional, uma IA brasileira e investimentos em infraestrutura. O conselheiro ressaltou que a segurança dos dados é prioridade e que o controle das informações não deve ficar nas mãos de entidades privadas.



Romulo Serpa/CNJ

Desafios semelhantes

Como forma de aprofundar a cooperação entre Brasil e Índia, o conselheiro Rodrigo Badaró sugeriu que um especialista do CNJ visite o país para uma capacitação breve. Ele pediu ainda ao embaixador indiano Dinesh Bhatia que ajude a formalizar a proposta, uma vez que os dois países enfrentam desafios semelhantes. Badaró também anunciou que o CNJ planeja, no início de 2027, o segundo congresso sobre inteligência artificial no sistema de Justiça. O primeiro reuniu os 91 tribunais brasileiros, entre estaduais, federais, trabalhistas e militares. O conselheiro convidou o comitê indiano e o embaixador para participar do evento e manifestou o desejo de retribuir a visita, indo à Índia futuramente.

Acompanhe a cobertura da política local com *@anacampos_cb*

» *CB.Saúde* | **ALESSANDRO PASQUALOTTO** | SOCIEDADE BRASILEIRA DE INFECTOLOGIA

Infectologista explica por que há bactérias que se tornam resistentes e avalia que, muito em breve, não haverá mais antibióticos para tratar infecções. Ele afirma que esse é um dos maiores problemas de saúde pública no mundo

Especialista alerta para superbactérias

» JÚLIA COSTA*

As superbactérias, resistentes a antibióticos, são um dos principais temas do Congresso Centro/Sul de Infectologia, que ocorre em Brasília até amanhã. Em entrevista às jornalistas Sibele Negromonte e Carmen Souza no CB.Saúde *— parceria entre o* ***Correio Braziliense*** *e a TV Brasília, Alessandro Pasqualotto, diretor científico da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), fala sobre os medicamentos, a importância da vacinação e o crescimento de casos de doenças como covid e sarampo.*

Pedro Paulo Cardoso CB/DA Press



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

As superbactérias têm movimentado a Organização Mundial de Saúde (OMS). Como o senhor vê essa situação?

Observem que os antibióticos começaram a ser produzidos em larga escala na medicina na Segunda Guerra Mundial. Os soldados tinham feridas de pele. A penicilina veio, tratava o estafilococos, bactéria da infecção de pele. Anos depois, ele ficou resistente à penicilina, então, fizeram uma nova. Pouco depois, ficou resistente novamente. As bactérias são seres vivos, nós as expomos a um antibiótico e elas ficam resistentes. Hoje, no hospital, quem pega infecções? Aqueles que estão invadidos, têm um cateter, sonda, dreno e estão tomando antibiótico. De alguma maneira, essas bactérias chegam na pele do paciente, porque alguém encostou nele. E aí, quando tiver uma infecção, vem uma superbactéria, resistente a quase tudo, e temos um problema, porque hoje quase não temos antibióticos para usar. Estamos vivendo o início da era pós-antibiótica.

Vai chegar um momento em que não haverá antibióticos para tratar infecções?

Muito em breve. Já estamos vivendo o início desse momento. Como não têm novas drogas, temos que começar a usar drogas dos anos 1960 ou 1950 que funcionam ainda, não são muito tóxicas. Algumas novas surgiram, mas são caras, e o Brasil não as incorporou ou a Anvisa não aprovou ou o laboratório não pediu aprovação na Anvisa. Fato é que não entra droga nova no Brasil. O que digo para os alunos é que vocês vão morrer, se não atropelados ou de bala perdida, será de infecção, infarto ou AVC. Nós vamos morrer de infecção em algum momento e, quando chegar esse momento, não haverá remédio para usar.

É exagero dizer que há uma próxima crise sanitária global por superbactérias?

A resistência aos antimicrobianos é um dos maiores problemas de saúde pública do mundo hoje. O que se faz? Vamos usar menos antibiótico. Como usamos menos antibióticos? Hoje, a pessoa tem uma gripe, toma antibiótico; chega no hospital muito mal e não sabe a causa, ganha um antibiótico de amplo espectro. Não tem teste bom para achar a causa, mantém o antibótico de amplo espectro. Usamos antisséptico em tudo, de pasta de dente a sabonete, então, estamos matando as bactérias 'boazinhas' cada vez mais e selecionado as resistentes.

Globalmente, recuamos em relação à proteção ao sarampo e, em São Paulo, são mais de 40 casos. Quais são os riscos dessa doença?

Eu acho que é uma doença que devemos temer, mas não vejo um alerta maior no sentido de perigo de disseminação na população. Acho que é um sinal amarelo. É um número expressivo, não são 41 mil casos, são 41, mas é o suficiente para autoridades sanitárias dizerem que está na hora de rever a atual política vacinal. Talvez tenhamos que ser, e sinto falta disso no Brasil, mais agressivos na comunicação com a população, para dizer que ela tem que se vacinar. Se não, parece que, passada a epidemia, não é necessário mais se vacinar.

Há uma tendência de crescimentos em casos de covid. Qual é o motivo?

O esperado é que haja uma flutuação ao longo dos anos no número de casos de covid, o que é movido por fatores como vacinação. Hoje, não vacinamos todo mundo, só quem é de maior risco. E o surgimento de novas variantes, é natural, com um vírus respiratório, que ele mude. Então, a cada ano, surgirão novas variantes. Não necessariamente mais agressivas ou transmissíveis, mas que justificam a oscilação do número de casos.

O surgimento de novas variantes e aumento de casos seriam uma justificativa para dizer que a vacina não funciona ou precisa ser atualizada?

Se as vacinas não funcionassem, não migraríamos de um cenário de centenas de milhares de casos de covid para ter tão poucos casos de morte hoje em dia. Efetivamente, as vacinas funcionam, mas elas precisam ser atualizadas de tempos em tempos. Os grupos, em geral, que estão tendo complicações e sendo internados são pessoas que têm mais fatores de risco. Essas, sim, precisam se vacinar de modo mais periódico.

***Estagiária sob a supervisão de Malcia Afonso**